

Pedagogias da água no *Ilè Omidayè*: (co)autorias curriculantes e práticas educativas decoloniais em uma etnografia na ciberultura¹

Máira Conceição Alves Pereira²

Resumo expandido Painel Temático

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar as pedagogias da água, vinculadas às (co)autorias curriculantes e outras práticas educativas decoloniais, acionadas por Mãe Márcia d'Oxum, líder religiosa do *Ilè Omidayè*, nome reduzido do *Egbé Ilè Ìyá Omidayè Aṣé Obálayó*, terreiro de candomblé localizado no município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Em iorubá, *Omidayè* é a água (*omi*) do mundo em que vivemos (*ayè*). O terreiro é dedicado ao orixá feminino Oxum, a mãe da água do mundo. De acordo com Mãe Márcia, Oxum não está na água. Oxum é a água. Para ela, Oxum não mora no rio. Oxum é o rio. Encontro inspirações na pesquisa que realizei durante o doutorado³, que se atualiza em meu pós-doutorado, em andamento. O rio que havia me formado autora da pesquisa me convocava a continuar me aventurando a etnografar em fluxo na ciberultura. Na travessia do doutorado, encontrei no movimento das águas dos rios a imagem para a minha pesquisa com os cotidianos na ciberultura do terreiro de Candomblé *Ilè Omidayè* e as redes educativas (ALVES, 2008, 2015b) que o atravessam em interface com outros *espaçostempos*⁴, especialmente o Facebook. Os movimentos e os múltiplos sentidos do rio e a forte

¹ Trabalho apresentado no Eixo Temático 1 - Epistemologias decoloniais e ciberultura - do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Doutora em Educação pelo ProPEd/UERJ, realizando pesquisa de pós-doutorado em Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, mairapereira@uol.com.br.

³ PEREIRA, Máira Conceição Alves. Redes educativas no terreiro *Ilè Omidayè*: uma pesquisa com os cotidianos na ciberultura. 2018. 291 f. Tese de Doutorado em Educação. Orientação: Stela Guedes Caputo. Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. A tese está disponível no site do Programa de Pós-Graduação de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ: < <https://www.proped.pro.br/>>. Acesso em: 17/10/2025.

⁴ Para os pesquisadores cotidianistas em geral e, especificamente, para Alves (2008), a escrita diferenciada de termos como *fazerpensar* e *espaçotempo*, por exemplo, relaciona-se à busca da superação da formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar, que é representado pela ciência moderna, em que as dicotomias são preponderantes. Alguns termos, como espaço e

simbologia do elemento água, com todas as referências, domínios e atributos que possam ser associados a Oxum, como a fertilidade, o poder feminino, a sabedoria e os mistérios ancestrais, o amor, a alegria, a estratégia, a adaptabilidade, a imprevisibilidade, a fluidez e a capacidade de cuidar, se relacionam com a noção de pesquisa-rio e também com as pedagogias da água praticadas por Mãe Márcia d’Oxum nos projetos culturais realizados no terreiro e em diversas (co)autorias curriculantes. O objetivo da pesquisa de doutorado foi compreender a constituição das redes educativas tecidas no caso pesquisado e como elas se relacionam com os percursos formativos dos membros da comunidade-terreiro por meio de suas narrativas e dos projetos culturais com os quais estão implicados. A intenção do trabalho de pesquisa foi também revelar e compreender como as narrativas produzidas e circuladas *dentrofora* do terreiro constituem, criam, recriam e ampliam redes educativas. As noções de redes educativas (ALVES, 2003, 2008) e de espaço multirreferencial de aprendizagem (FRÓES BURNHAM, 2000, 2012) foram valiosas para a compreensão do *Ilè Omidayè*, de seus projetos e das narrativas de seus membros. Pesquisar a experiência viva, pulsante de atores sociais em contextos culturais complexos nesses *espaçotempos* em articulação na ciberultura – terreiro, cidade e ciberespaço –, requer outras formas de conceber a ciência. Tenho refletido profundamente sobre os modos de conceber e trilhar teórica e metodologicamente a pesquisa, sobre o que é considerado conhecimento e quais são as epistemologias privilegiadas nas pesquisas antropológicas, principalmente no campo educacional. Na minha experiência como pesquisadora, privilegio o que me dizem, praticando a escuta sensível (BARBIER, 2002), e o que me ensinam os sujeitos da pesquisa, solo fértil para produção, em parceria, de dados e de novos conhecimentos e significações. A escuta sensível é definida por Barbier (2002) como uma presença meditativa, em que se está na presença com aquilo que é, no momento do aqui e agora, na mínima atividade cotidiana, suspendendo julgamentos e teorias preconcebidas, em uma escuta-ação espontânea nas conversas que acontecem nos encontros com os interlocutores da pesquisa. Barbier (2002) caracteriza a escuta sensível como um escutar-ver, englobando todos os sentidos e múltiplos referenciais, que se apoia na empatia e que requer uma abertura holística. Para Barbier (2002), a escuta sensível é sempre multirreferencial (ARDOINO,

tempo ou dentro e fora, são vistos como “pares”, mas opostos entre si. Por concordar com a autora e nela me inspirar, adoto em meu texto a grafia diferenciada, com palavras unidas, em alguns momentos.

2003) e também permite surpreender-se. Dedico-me também, a fim de comunicar a pesquisa, a descrever densamente (GEERTZ, 2015) o seu processo, incluindo alguns tropeços, equívocos, dilemas, encantamentos, idas e vindas em suas águas, ora serenas, ora agitadas, ora cristalinas, ora turvas. Não é possível separar a teoria da empiria, em permanente conexão, o que estendo, aprofundo e revitalizo com a oportunidade oferecida por Macedo (2015, 2016) de pensar e operar com a experiência e o acontecimento nos movimentos da pesquisa, dos quais emergem fenômenos e práticas como as pedagogias da água. Mãe Márcia d’Oxum compreende a epistemologia do Candomblé como aquela em que se conhece e em que são realizadas práticas que atravessam os cotidianos do terreiro, a memória, a oralidade, a dimensão do sagrado e os próprios projetos que nascem das questões e demandas desses cotidianos, pois se atualiza com a emergência de novos dilemas, novos projetos e também por meio de novas edições de projetos culturais que se consolidaram. O entendimento das redes educativas pressupõe a existência de uma conexão estreita, indissociável, entre os múltiplos processos e *espaçostempos* de aprendizagem. Uma rede educativa, como o terreiro, por exemplo, incorpora outras tantas redes como a escola, a cidade e as redes sociais da internet. O conjunto e a intersecção dessas redes exercem papel formativo. Destaco um aspecto relevante e estruturante da pesquisa que é o da implicação (MACEDO, 2012), que remete a movimentos e laços de afetos e de comprometimento com o que e com quem se pesquisa, em suas dores e dificuldades e também em seus contentamentos, conquistas e tantas criações. No rio que é a pesquisa, implicar-se significa também reconhecer esses mundos de saberes articulados aos seus contextos e com suas redes educativas. A forma de rigor praticada pela etnopedagoga e pelo etnopedagogo se dá em um mergulho contextualizado e crítico dos significantes da realidade pesquisada, caminhando entre as compreensões dos atores sociais, considerados “cronistas cotidianos do mundo” (MACEDO, 2012, p. 89), capazes de crítica e de elaborar teorizações enraizadas sobre suas realidades singulares. Essas compreensões de compreensões com que a etnopedagogia opera se viabiliza, com uma autoria responsável, por meio da descrição das inteligibilidades sociais produzidas para seus contextos, no encontro de diferentes formas de teorizar o mundo. Os atores sociais muito ensinam no processo da pesquisa e são compreendidos como teóricos de seu mundo, com formulações expressas em suas etnonarrativas. O esforço empreendido no método etnográfico está em sintonia com o desenvolvimento das

compreensões de compreensões. Para Macedo de Sá (2012), as compreensões na etnografia “são fruto das nossas criações sobre as criações socioculturais dos outros” (p. 83), sobre eles mesmos e sobre as suas relações. Na etnografia, caracterizada por Geertz (2015) como uma descrição densa, o pesquisador enfrenta, em seus cotidianos no campo, múltiplas estruturas conceituais complexas, muitas delas entrelaçadas umas às outras, “que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar” (GEERTZ, 2015, p. 7). Concordo com Macedo de Sá (2012) quando a autora afirma que nos trabalhos em que se busca a compreensão e a descrição densa dos contextos culturais, deve ser assumida uma perspectiva aberta e vinculante, sendo também fundamental compreender os campos simbólicos dos atores sociais. Assim como Macedo de Sá (2012), também compreendo a etnografia como opção epistemológica, metodológica e política, como uma atitude de pesquisa implicada e como uma experiência aprendente, acontecimental e vinculante (MACEDO DE SÁ, 2012; MACEDO, 2016). Combino em meu modo de desenvolver a etnografia, o mergulho no campo em ambientes on-line e off-line em articulação. Usar terminologias distintas para identificar cada momento, cada uma das etnografias, com ênfase no “lugar” onde se realizam, como práticas apartadas, não me parece necessário, pertinente e produtivo. Dessa forma, assumo o termo etnografia, resgatando seu caráter flexível e passível de combinação com outros métodos e abordagens (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011), em relação de compatibilidade e coerência com a perspectiva epistemológica multirreferencial. Autorizei-me a propor uma etnografia na cibercultura. Reitero minha proposição de uma etnografia na cibercultura inspirada igualmente na noção de espaços intersticiais, definidos por Santaella (2010, p. 99) como “misturas inextricáveis entre os espaços físicos e o ciberespaço, possibilitadas pelas mídias móveis”. Em espaços intersticiais ou híbridos não é preciso sair de um espaço físico para entrar em um espaço digital, uma vez que estamos imersos nesses espaços ubiquamente. Sigo atualizando o meu etnografar na cibercultura no pós-doutorado, considerando novas interrogações e possibilidades. Mãe Márcia d’Oxum, além de cronista cotidiana do mundo, pode ser considerada formadora socioculturalmente referenciada, acionando seus saberes, dispositivos e modos de se relacionar e de ser água. Ela se formou e se forma com o mundo, com o Candomblé, com suas tantas experiências, em muitas redes educativas e com Oxum, fonte de tantas inspirações e princípio

cosmológico vinculado ao elemento água. Com suas pedagogias da água, Mãe Márcia me ensinou que tudo é conhecimento e que é preciso pensar como Oxum, que significa pensar como laço, como elo, o que permite, empaticamente, vincular e reunir pessoas para o fazer coletivo e colaborativo em projetos, nos quais se formam *aprendendofazendo*, na prática, reconhecendo e respeitando diferenças e valorizando causas comuns. Esses projetos e diversas atividades educativas caracterizam-se como atos de currículo, os quais se inserem em uma perspectiva sistêmica e acionalista de concepção de currículo, referindo-se à compreensão da formação como experiência dos sujeitos, sendo considerados potentes dispositivos de formação. O conceito de ato de currículo, que pode ser entendido como um pensar-propositivo, emerge e torna-se denso, como explicita Macedo (2013, pp. 21-22), como criação e como acontecimento. Também destaco o caráter plural de experiências curriculantes relacionadas à emergência dos atos de currículo, instituídas como temporalidades outras, realizações curriculares outras, bricolagens outras (MACEDO, 2013, p. 22). Aciono o conceito de atos de currículo para compreender projetos e demais dispositivos concebidos por Mãe Márcia em interação com outros membros do *Ilê Omidayè*. Vídeos produzidos por Mãe Márcia com a colaboração de outros membros do terreiro, seus livros, textos, projetos e eventos, campanhas on-line contra a discriminação religiosa, com narrativas, fotografias e imagens diversas disponibilizadas nas redes sociais digitais, podem ser compreendidos como (co)autorias curriculantes. Pretendo compartilhar achados atualizados da pesquisa, que segue em fluxo. Águas que se expandem, com novos dilemas e novas perspectivas.

Palavras-chave

Candomblé; Cibercultura; Etnografia; Educação decolonial.

Referências

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. Revista Brasileira de Educação, número 23, maio/junho/julho/agosto, 2003.

_____. Sobre Movimentos das Pesquisas nos/dos/com os Cotidianos (2008). In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos – textos selecionados de Nilda Alves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. Faz Bem Trabalhar a Memória: criação de currículos nos cotidianos, em imagens e narrativas (2007). In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). Nilda Alves: praticantepensante de

cotidianos – textos selecionados de Nilda Alves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. Sobre o movimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (Orgs.). Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Petrópolis: DP&A, 2008.

_____. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. (Orgs.). O sentido da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.26-38.

ALVES, N.; GARCIA, R. L. O sentido da escola. Petrópolis: DP Et Alii, 2008.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (Coord.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p.58-78

_____. Para uma pedagogia socialista. Brasília: Plano, 2003.

BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (Coord.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

_____. A pesquisa-ação. Brasília: Plano, 2002.

_____. Sobre o Imaginário. Em Aberto. Brasília: v. 14, n. 61, p. 15-23, jan/mar, 1994.

BARBOSA, J. G; HESS, R. O Diário de Pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo. Brasília: Liberlivro, 2010.

CAPUTO, Stela G. Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012a.

CAPUTO, Stela Guedes; PEREIRA, Máira. C. A. Crianças de Candomblé: redes educativas, narrativas, saberes e fotografias nos cotidianos dos terreiros. In: Cortesão, Irene; Neves, Maria Ivone; Pequito, Paula; Samagaio, Florbela; Trevisan, Gabriela. (Org.). Travessias e Travessuras nos Estudos da Criança - Atas do III Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança. 1ed.Porto: Edições ESE Paula Frassinetti, 2016.

_____. Narrativas digitais nas diversas redes educativas que atravessam as aprendizagens em terreiros de Candomblé. In: Currículo na Contemporaneidade: internacionalização e contextos locais - ATAS do XI Colóquio sobre Questões Curriculares; VII Colóquio Luso-Brasileiro Sobre Questões Curriculares; I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro Sobre Questões Curriculares. Braga: Instituto de Educação/Universidade do Minho e FCT, 2014, p. 32-3543.

CLIFFORD, J.; MARCUS, G. E. A Escrita da Cultura: poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: EdUERJ: Papéis Selvagens Edições, 2016.

COULON, Alain. Etnometodologia e Educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de Pesquisa Para Internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. Pedagogia da Esperança. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. A Educação na cidade. Prefácio de Moacir Gadotti e Carlos Alberto Torres; notas de Vicente Chel. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRÓES BURNHAM, Teresinha. Análise Cognitiva e Espaços Multirreferenciais de Aprendizagem: currículo, educação a distância e gestão/difusão do conhecimento. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. Sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade da aprendizagem: implicações ético-políticas no limiar do século. In: LUBRISCO, N. L.; BRANDAO, L. B. (Orgs.). Informação e Informática. Salvador: EDUFBA, 2000, p.283-306.

GAMA, F. Etnografias, auto-representações, discursos e imagens: somando representações. In: GONÇALVES, M. A.; HEAD, S. Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos – textos selecionados de Nilda Alves. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2015.

_____. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: O Saber Local: novos ensaios em Antropologia Interpretativa. Petrópolis RJ: Vozes, 1997.

_____. Obras e Vidas: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GONÇALVES, M. A.; HEAD, S. Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

HINE, C. Virtual Ethnography. London: SAGE Publications, 2000.

LEMOS, A. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). Olhares sobre a Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMOS, A.; LÉVY, Pierre. O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

MACEDO, Nélia; RIBES, Rita. Ser amigo e ter amigos no Facebook. In: PORTO, C., and SANTOS, E., (orgs). Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

MACEDO, Roberto Sidnei. A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação. Salvador: EDUFBA, 2000.

_____. A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação. Brasília: Liber

Livro, 2011.

_____. A Pesquisa e o Acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais. Salvador: EDUFBA, 2016.

_____. A Teoria Etnoconstitutiva de Currículo: teoria-ação e sistema curricular formacional. Curitiba: CRV, 2016.

_____. Atos de currículo e autonomia pedagógica. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. Atos de currículo, formação em ato? Ilhéus: Editus, 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei. Multirreferencialidade: o pensar de Jacques Ardoino em perspectiva e a problemática da formação. In: MACEDO, R. S.; BORBA, S.; BARBOSA, J. G. Jacques Ardoino e a Educação. Coleção Pensadores e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p.68-96.

_____. Pesquisar a Experiência: compreender/mediar saberes experienciais. Curitiba: CRV, 2015.

_____. Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas / Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi, Álamo Pimentel; prefácio Remi Hess. Salvador: EDUFBA, 2009. MACEDO, R. S.; BORBA, S.; BARBOSA, J. G. Jacques Ardoino e a Educação. Coleção Pensadores e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MACEDO, R. S; GUERRA, Denise. Reflexões sobre a Exteriorização de Experiências Formativas Via Diários Online em Contextos Multirreferenciais de Pesquisa-Formação. In: SANTOS, E (org). Diário Online: dispositivo multirreferencial de pesquisa-formação na cibercultura. Portugal: Whitebooks, 2014.

MACEDO, R. S; MACEDO DE SÁ; S. M. Etnocurrículo: etnoaprendizagens: a educação referenciada na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

MACEDO DE SÁ, S. M. Etnoaprendizagem: a aprendizagem como experiência cultural. In: MACEDO, R. S; MACEDO DE SÁ; S. M. Etnocurrículo: etnoaprendizagens: a educação referenciada na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Série Antropologia – DAn /UnB. Brasília: DAn/UnB, 1992.

PEREIRA, Máira. C. A. Entre labirintos e fuxicos: encontrando novos caminhos e tecendo saberes na formação de professores on-line. In: SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn (Org.). Práticas Pedagógicas e Tecnologias Digitais. 1ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2006, p. 199-214.

_____. Narrativas Digitais nas Diversas Redes Educativas Que Atravessam as Aprendizagens em Terreiros de Candomblé no Brasil. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. (Org.). Religiões e Religiosidades no (do) Ciberespaço. 1ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 05-326.

_____. O Fotodiário Online no Curso da Pesquisa-Rio: conversas e narrativas dentrofora de um terreiro de Candomblé em tempos de cibercultura (2018). In: SANTOS, E; CAPUTO, S. G. Diário de Pesquisa na Cibercultura: narrativas multirreferenciais com os cotidianos. Rio de Janeiro: Omode, 2018.

_____. Redes educativas no terreiro Ilê Omidayè: uma pesquisa com os cotidianos na cibercultura.

2018. 291 f. Tese de Doutorado em Educação. Orientação: Stela Guedes Caputo. Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PESSOA DE BARROS, José Flávio. A Floresta Sagrada de Ossaim. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
_____. A Fogueira de Xangô, o Orixá de Fogo: uma introdução à música sacra afro-brasileira. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

PIMENTEL, A. Considerações sobre a autoridade e o rigor nas etnografias da educação. In: MACEDO, R. S. Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas / Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi, Álamo Pimentel; prefácio Remi Hess. Salvador: EDUFBA, 2009.

POLIVANOV, B. Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet. Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Manaus, 2013.

SANTAELLA, Lucia. Leitura de imagens. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

_____. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, Alex (org). Interações em Rede. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

_____. A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Edméa (org). Diário Online: dispositivo multirreferencial de pesquisa-formação na cibercultura. Portugal: Whitebooks, 2014.

_____. Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente. Tese (Doutorado em Educação). Orientação: Roberto Sidnei Macedo. Universidade Federal da Bahia. FAGED-UFBA, Bahia, 2005.

_____. Pesquisa-formação na cibercultura. Santo Tirso, PT: Whitebooks, 2014.

SANTOS, E; WEBER, A. A criação de atos de currículo no contexto de espaços intersticiais. Revista teccogs n. 7, 156 p, jan.-jun, 2013.

_____. Diários Online, Cibercultura e Pesquisa-Formação Multirreferencial. In: SANTOS, E (org). Diário Online: dispositivo multirreferencial de pesquisa-formação na cibercultura. Portugal: Whitebooks, 2014.

SILVA, Daniela Luciana (poemas). In: ADÚN, Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (orgs.). Ogum's Toques Negros: coletânea poética. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

SODRÉ, Muniz. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, 287p.

SOUZA, Elizeu Clementino de. OUTRAS FORMAS DE DIZER: diálogos sobre pesquisa narrativa



XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero. De 11 a 13 de novembro de 2025.



em/com Nilda Alves. Revista Teias v. 13, n. 29, 61-72, n. especial, 2012.